

A um Herói de Lata

Quem nunca sonhou ser bombeiro? Quem nunca se admirou de ver passar o grande caminhão vermelho, resplandecente em sua altura e tão sonora presença? Mas o que via me era de uma estranheza sem tamanho. Difícil pensar na traquitana como sua ancestral.

Foi em minha primeira visita ao Museu Paulista. Vi-o assim que passamos pelos veículos. Velho e engraçado. Em outros tempos, certamente, barulhento. Mas agora repousava silenciosamente em meio aos outros. O contemplava, com o olhar curioso que só a criança sabe ter. Imaginei-o a cuspir fumaça, uma carroça a vapor! Ri-me, mas logo o esqueci. Um mal da infância.

Soube, mais tarde, que era estrangeiro. Moderno para a época. Muitos incêndios teria ajudado a extinguir em nossa Republica Velha. Tantas aventuras teria presenciado. Agora via o mundo através das pessoas, nos estilos das roupas, dos cortes de cabelo, nos aparelhos cada vez mais modernos que traziam. Enquanto os visitantes enxergavam nele o passado, absorvia deles o presente, o caminhar apressado, tão paulistano, do tempo.

Da rusticidade do pavimento de pedras ao grandioso museu, merecidas doses de reconhecimento havia. Não somente a ele, mas aos seus bravos operadores. Ouvi dizer que o ócio amofina aos velhos heróis, que os faz sentir os anos. Com ele não deveria ser diferente, entretanto, embora solitário, não posso lhe imaginar mais belo fim.

Gostaria de vê-lo novamente. De perceber o quanto cresceram os caminhões vermelhos. O quanto cresceu a cidade. Terão crescido também os incêndios? Espero que

não e que, em nossa tão atarefada rotina, ainda tenhamos algum tempo para dedicar às nossas origens.